

A BATALHA DE OURIQUE

DO MESMO AUTOR :

A LENDA DO REI RAMIRO (Separata de « *O Instituto de Coimbra* », vol. 69, n.º 9), Coimbra, 1924.

O FADO — Ensaio sobre um problema Etnográfico-Folclórico, Porto (impresso em 1926).

INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PÓRTO

JOSÉ MACIEL RIBEIRO FORTES

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
Do Instituto Portuense de Estudos e Conferências
Do Instituto de Coimbra

A BATALHA DE OURIQUE

...La tâche de l'historien
doit être pourtant de faire tout
son possible pour dégager la
vérité des nuages volontaires ou
involontaires qui l'entourent...

Xénopol.



PÓRTO

1927

EMP. INDUST. GRÁFICA
DO PORTO, L.da - Rua dos
Mártires da Liberdade, 178

A MEU QUERIDO IRMÃO

DR. CARLOS MACIEL RIBEIRO FORTES

Lá andamos ambos pela Flandres, tu como médico da Ambulância n.º 9, eu como comandante de aquêlê inesquecível pelotão do heroico 15 de infantaria, que tanto motivo de justificado orgulho foi para o nosso sempre-lembrado Ferreira do Amaral!... Ambos procuramos, então, honrar as tradições nobilíssimas dos nossos Maiores, sempre bons, generosos e leais portugueses. Com os olhos fitos no simbólico timbre da nossa Família, ligou-nos, durante a campanha, a mais santa amizade, a mais leal camaradagem e o mais sólido apoio moral!...

Jámais esquecerei a tua assistência espiritual quando caí ferido!...

Ao publicar êste *Estudo*, onde se fala de uma acção guerreira, ainda não de todo iluminada pela crítica histórica, lembrei-me dedicar-to, como prova da mais elevada estima, que por ti tem o teu companheiro de armas, e em homenagem ao teu valor, bem demonstrado na célebre retirada de Saint-Venant!...

Teu ex corde,

José.

Pôrto, 1 de Julho de 1927.

I

O ENIGMA DE OURIQUE

Indocti discant et ament
meminisse periti.

HÉNAULT.

Já há muito tempo, que a questão de Ourique tem sido objecto, para mim, de longas e demoradas meditações; e não há menos tempo, também, esperam a vez de serem publicadas as impressões, que colhi no estudo de este problema. Receios de vária ordem por um lado, e as preocupações profissionais pelo outro, não permitiram dispôr os materiais para que imprimissemos mais cêdo o que poderia já então constituir um *Estudo*, onde disséssemos da nossa justiça.

Quais eram os receios?

De diversa natureza: a dificuldade da matéria, a gravidade do assunto, e os espinhos a evitar, pois não podia (sob pena de infringir determinados preceitos taxativos), àcerca da batalha de Ourique, deixar de aludir às fontes históricas, à tradição, e esboçar, ao menos, um princípio de crítica.

Mas isto era desencadear novas paixões e abrir o dique da torrente dos argumentos pró e contra possíveis afirmações, que muito embora honesta e lealmente feitas, poderiam ir ferir êste ou aquêle preceito de escola, sem qualquer vantagem para a história pátria.

Aqui surgiam as dificuldades e se levantavam mil óbices.

Era grave; era de pensar! Não me abalçava por isso à publicação!...

Mas se eu seguisse, como *Herculano* o fez, as regras aceites pelos escritores eclesiásticos de onde partiram principalmente os argumentos mais ásperos contra a tese que negou a importância da batalha?

Conhecia o valor das transcrições, feitas pelo nosso grande historiador, e meditára longo tempo sôbre os ensinamentos de um *Mabillon*, de um *Fleury*, de um *Melchior*

Cano, de um *Gmeiner*, e de um *Dannemayr*. (1) Por fim, ao cabo de algum tempo dissiparam-se-me as dúvidas, as hesitações, sobretudo após a leitura dos subseqüentes Autores, e resolvi quebrar o encanto a que viviam votadas as minhas considerações, que não tinha coragem de imprimir.

Quais eram, então, êsses Autores, cuja leitura, junta à dos que citou *Herculano*, teve o condão de me decidir a fazer sair do esquecimento o que tinha já alinhavado sobre Ourique? *Alzog*, (2) *Schenkl* (3) e *Wouters* (4)!...

Quanto às *Fontes* doutrinava o primeiro: «quand on ne peut prouver complètement l'authenticité, l'intégrité des sources, la

(1) Vid. *Alex. Herc.*, Opúsculos, tomo III, Lisboa, 1876, pagg. 73 e segg.

(2) *Jean Alzog*, Hist. Univ. de L'Église, traduite sur la sixième édit., tom. I, Paris, 1855, pagg. 23 e 24.

(3) *Amaro de Schenkl*, Inst. de Dir. Eccl., tom. I, trad. port. do Dr. Chaves e Castro, Coimbra, 1877, pag. 100 § 49.

(4) *Henrici Guilielmi Wouters*, Hist. Eccl. Compendium, editio tertia, tom. primus, Lovanii, 1858, pag. XVII.

véracité des auteurs, il faut néanmoins vérifier le temps probable, l'origine présumable des sources, et déterminer par là l'usage qu'on en peut faire.»

A propósito da *Tradição* Schenkl observava que «uma tradição para se julgar genuína *a)* não deve cheirar a fábula, a contradição e a superstição; *b)* não deve repugnar à recta razão..., nem às circunstâncias das coisas, dos tempos e logares... etc...»

Relativamente à *Crítica* Wouters recordava a seguinte regra ainda hoje absolutamente atendível: «assertio testis vel scriptoris, qui factum novisse aestimatur, habetur sincera, quamdiu e rationibus sufficientibus non vocetur in dubium. Rationes praecipuae hic perpendendae, sunt affectiones amoris, adulationis et odii, exaggerationis genius, studia religionis, sectae, societatis, patriae.»

E porque me levaram êstes princípios à resolução da impressão? Pelo simples motivo de que applicando-os rigorosamente, matematicamente, ao problema de Ourique, eu devia fatalmente chegar a uma conclusão segura, que poderia expôr sem desdouro e sem ter que me importar com qualquer

apreciação por parte dos que me lêssem. Qual a conclusão a que cheguei? Á de que de um estudo atento e comparado das cinco fontes apontadas por *Herculano*, como legítimas e positivas para a história da batalha de Ourique, se infere, tão sòmente: *a)* que na verdade houve um combate entre portugueses e muçulmanos num lugar denominado — Ourique —; *b)* que, muito embora não se possa localizar êsse combate, êle dever-se-ia ter dado, então, no coração da terra dos sarracênos; *c)* que é difícil avaliar da importância do combate, dadas determinadas circunstâncias a que aludiu *Herculano*. (1)

(1) Com efeito, o nosso historiador constatou:

A) que o *Cronicon Lamecense* e a *Inquirição de Braga* apenas nos asseguram que o combate não foi uma ficção;

B) que o *Cronicon Conimbricense*, chamando ao combate *lis magna*, e a *Crónica dos Godos* (exemplares de Alcobaça e de Santa Cruz) *innumerabili prope exercitu*, nem por isso nos pode advertir indubitavelmente de que o combate teve grande importância, porquanto é de uso nas crónicas de aqueles tempos, tanto árabes como cristãs, aparecerem expres-

Ora era mister demonstrar como chegamos aquela conclusão o que equivalia a ter de se estudar o problema da localização e o da importância da batalha de Ourique — o que no fundo importava uma tentativa para desvendar um *enigma histórico*. É o que se ia dizer na publicação resolvida!

Neste comenos surgiu no jornal *O Século* uma proposta do Snr. *Ludovico de Menezes* apresentada à Associação dos Arqueólogos Portuguezes em que, a propósito da batalha de Ourique, se bordam considerações um tanto paralelas, um tanto

sões de esta natureza e exagerando o número dos inimigos; é assim que na Vita S. Theotonii se topa com a frase: *cum innumera eorum barbara multitudine de ultra citraque mare*;

C) que em nenhum historiador quer árabe, quer cristão, de aquele tempo ou dos imediatamente próximos, se acha mencionado o successo de Ourique, parecendo, que (muito embora a realidade do acontecimento seja atestada por escritores nacionais e coevos) ainda na primeira metade do século XIII o acontecimento estava longe de fazer o ruído e ter a importância, que em épocas posteriores se lhe attribue.

similares e até idênticas às que eu vinha formulando, há tanto tempo no meu espírito.

Mais me picou o desejo de também dizer, por escrito, da minha justiça; e, agora, sem os óbices, que primitivamente tolheram a saída dos meus arrazoados. Impunha-se-me a necessidade de mostrar aos leitores, que também tínhamos pensado no caso, e que não concordávamos com aqueles que pretendiam ver arredadas tôdas as dificuldades que o problema de Ourique envolve ainda hoje!...

Tal a origem da publicação tão tardia de êste *Estudo* em que seguindo caminho diferente fomos dar à mesma doutrina sustentada pelo Snr. *Ludovico de Menezes*.

Antes, porém, de entrarmos pròpriamente no assunto convém ainda fazer determinadas explicações prévias, que facilitem a análise e a compreensão do objectivo de êste *Estudo*.

*
* *
*

A batalha de Ourique constitue, de per si, mais um enigma, entre tantos outros

que abundam na História de Portugal; muito embora esta questão tenha sido objecto de variados estudos e motivo para largas controversias a verdade é que de nada tem valido o esforço dos estudiosos para solucionarem esta ainda bem obscura incógnita da história pátria.

Dizemos bem obscura incógnita por mais que pese aqueles que movidos por um falso patriotismo e uma inexplicável teimosia (1) insistem em apregoar, urbi et orbi, que o problema está hoje inteiramente resolvido.

Mas desassombradamente afirmamos, que

(1) Vem aqui muito a propósito a subsequente observação: «comme le dit très bien *Fustel de Coulanges*: il est toujours dangereux de confondre le patriotisme qui est une vertu, avec l'histoire qui est une science. Tout ce que l'on peut permettre à l'historien, c'est de colorer davantage, par le style, certains événements, pour rehausser le moral de son peuple en les faisant pénétrer plus profondément dans sa pensée» (*A. D. Xénopol, Les Principes Fondamentaux De L'Histoire, Paris, 1899, pág. 54*).

Cfr. ainda *Henri Berr, La Synthèse en Histoire, Paris, 1911, pág. 257*.

ninguém decifrou ainda em absoluto o enigma; pouco, muito pouco se adiantou sobre o que nos ensinou *Herculano* e o que conseguiu apurar o Prof. *David Lopes*.

E porquê? Quais as razões, que embaraçam o destrinçar tão emaranhada meada?

A falta de documentos, que elucidem o enigma. Sem êles podemos construir belas teorias, architectar engenhosas interpretações, erguer aparentes axiomas — mas já-mais faremos história!... (1)

Amontoamos argumentos fàcilmente impugnáveis, e mais nada; «l'histoire se fait avec des documents. Les documents sont les traces qu'ont laissées les pensées et les actes des hommes d'autrefois. Parmi les pensées et les actes des hommes, il en est très peu qui laissent des traces visibles, et ces traces, lorsqu'il s'en produit, sont rarement durables: il suffit d'un accident pour les effacer. Or, toute pensée et tout acte

(1) Cfr. *Paul Sabatier*, *L'Orientation Religieuse De La France Actuelle*, 2^{ème} edit., Paris, 1912; diz-se nesta obra a pág. 4 o seguinte: qui dit histoire dit document.

qui n'a pas laissé de traces, directes ou indirectes, ou dont les traces visibles ont disparu, est perdu pour l'histoire: c'est comme s'il n'avait jamais existé. Faute de documents, l'histoire d'immenses périodes du passé de l'humanité est à jamais inconnaissable. Car rien ne supplée aux documents: *pas de documents, pas d'histoire!...*" (1)

Adentro de êste critério, em que nos colocamos, subordinaremos tudo o que se vai lêr; por isso é que escrevemos o que atrás dito fica sem querer saber se se agrada ou desagrada a esta ou aquela corrente doutrinária.

E isto porque «le but de l'histoire est, non pas de plaire, ni de donner des recettes pratiques pour se conduire, ni d'émouvoir, mais simplement de savoir». (2)

E há por ventura documentos, que permitam estabelecer uma doutrina firme e

(1) Vid. *Ch. V. Langlois e Ch. Seignobos*, Introduction aux Études Historiques, 2.^{ème}, edit., Paris, 1899, págg. 1 e 2.

(2) Vid. *Ch. V. Langlois e Ch. Seignobos* obr. cit. pág. 263.

segura àcerca do local e da importância da batalha de Ourique?

Que o saibamos não existem, nem cristãos, nem árabes!... Tudo, portanto, o que se disser, com carácter de certeza, àcerca do enigma de Ourique será tudo menos história na acepção técnica rigorosa (*Cfr. Berr. obr. cit., págg. 1 e 2*) (1).

Não cabem nos apertados limites de esta *plquette* grandes citações, principalmente de Autores nacionais, que andam nas mãos de toda a gente; tão pouco há lugar para desenvolvidas transcrições sem vantagem de maior para o nosso objectivo,

(1) *Rafael Altamira y Crevea* (Hist. de Esp. y de la Civ. Esp., tom. I, 3.^a ed. Barcelona, 1913, pág. 381), aludindo à batalha de Ourique, escreveu: «Alfonso Henríquez..., siguió combatiendo por el S. contra los moros, á quienes ganó la batalla de Ourique (1139), haciendo incursiones en Galicia y tomando, en fecha incierta, el título de rey, que al cabo le reconoció Alfonso VII en el tratado de Zamora de 1143.....» E nem sequer uma palavra a propósito da localização da batalha. O que motivou este silêncio? Certamente a falta de documentos.

António Ballesteros y Beretta (Hist. de Esp. y

que é bem simples. Por isso, note-se bem, não se espere de nós largos raciocínios de erudita e pesada crítica ou de profunda e exhaustiva heurística histórica.

Nada de isso; modesta e despretenciosamente, apenas, se pretende chamar a atenção de quem nos der a importância de nos lêr para a gravidade das afirmações, que começam de se avolumar, e que dão como definitivamente achado o local da batalha de Ourique, atribuindo-lhe, ainda, a mais alta importância como pedra angular da incipiente monarquia portuguesa.

E com as singelas palavras, que se vão seguir, pretende-se, mais, lembrar, que é

su influencia en la Hist. Univ., tom. segundo, Barcelona, 1920, pág. 279) refere-se também ao problema de Ourique versando a questão da localização da batalha, que o eminente Prof. não chega a solucionar. Relativamente à tradição da aclamação não lhe merece nem discussão, nem sequer ao menos a mais leve referência.

Cito estes dois Autores, duas Autoridades indiscutíveis em assuntos históricos, como reforço da afirmativa feita na parte do texto a que esta nota diz respeito.

sempre perigoso pôr de lado determinadas regras de crítica histórica ou certos princípios a que se devem ater quaisquer pretensos historiadores.

Isto, evidentemente, para que possamos dar crédito a todo o escritor que versar matérias históricas, pois regras e princípios são aquêles, que sempre são tomados na devida conta pelos homens de sciência e derivam da razão comum.

Já em 1889 *Zeibert* doutrinava, a êste respeito, da forma seguinte: "ut habeat rationem scientiae, história debet esse 1. critica, 2. pragmatica. *Ars critica* est ars recte dijudicandi veritatem eorum, quae monumenta rerum praeteritarum testantur. Veritas ista dijudicatur a) ex ipsa factorum natura; rejiciendae igitur sunt res, quae sive absolute sive relative, attentis circumstantiis temporis, loci et personarum, fieri ne miraculo quidem potuerunt; b) ex fidei dignitate testimoniorum; hoc respectu videndum est, α) ipse testis potueritne vera scire, potuerit et volueritne ea dicere, β) ejus vero testimonium sitne genuinum an vero spurium aut interpolatum. *Pragmatis-*

mus autem in eo consistit, ne res gestae nude enarrentur, sed ut causae eventuum expendantur, intentiones hominum agentium exhibeantur simulque inquiratur in principia, quae quolibet aevo hominum mentes moverint». (1)

Por seu turno o penetrante *Paul Sabatier*, defenindo a missão do historiador com a clareza, que lhe é peculiar, escreve: «ce qu'on peut raisonnablement exiger d'un historien, ce n'est donc pas qu'il accomplisse cet impossible miracle de se dépouiller de sa propre personnalité; mais c'est qu'il fasse effort pour ne pas plaider une cause: c'est qu'il soit décidé à ne pas mettre sa plume au service des rancunes, des haines, des passions qui troublent et divisent ses contemporains.

S'il fait cela il sera déjà singulièrement estimable; il atteindra presque la perfection possible actuellement, si, conscient de ce que sa vue peut avoir de limité et de par-

(1) Dr. *Franciscus Zeibert*, *Compendium Historiae ecclesiasticae*, editio altera, Brunae, 1889, pág. 2.

tiel, il aide ses lecteurs à le critiquer, et a soin de leur indiquer en toute sincérité les tendances qui ont pu infléchir son jugement». (1)

Ora é a todos êstes juizos, que não parecem ter atendido Aquêles que proclamam encontrado o local da batalha e afirmam a grande importância do reconto de Ourique.

Como, pois, conceder-lhes a credibilidade indispensável às suas conclusões?

Como aceitar as suas proposições se para as formularem fecharam os olhos aos indestrutíveis ensinamentos da ciência?

Necessário, foi, pois, apontar as normas que devem reger os trabalhos de investigação histórica, para melhor se explicar o nosso objectivo e mais racionalmente justificar as nossas palavras ao apontar o perigo da corrente, que dá o *Enigma de Ourique* como solucionado em qualquer dos aspectos em que o vamos encarar.

A tarefa, pelo que se vê, não é pequena,

(1) *Paul Sabatier*, obr. cit. pág. 9.

nem fácil, mas por isso mesmo maior é a necessidade de se tentar esclarecer aquêles que impensadamente sigam na corrente dos que não topam com dificuldades para darem o enigma por decifrado.

Quando outra vantagem não houvesse com os comentários resumidos, sucintos e intencionalmente abreviados, que compõem parte do recheio de êste *Estudo*, — ao menos o leitor será provocado a reflectir um pouco sôbre a natureza das teses expendidas pelos corifeus da tal corrente doutrinária.

Mas ouçam-me bem; quero fazer uma declaração!... E ninguém tem o direito de duvidar de ela!...

Longe de mim a idea de tentar impôr doutrinarismos ou convencer-me de que disse a última palavra acêrca de uma questão tão melindrosa e complexa como esta da batalha de Ourique; tenho sempre na mente a advertência de *Iorga* (1). Tão

(1) Vid. *N. Iorga*, *Essai de Synthèse de L'Histoire de L'Humanité*, Paris, 1926, Préface, pag. VI:

pouco me movem desejos imperdoáveis de tentar ferir seja quem fôr; antes que alguém se julgue injustificadamente melindrado aqui afirmo lealmente, que me merecem a maior veneração todos os Autores a que vou aludir. Nas suas teses não enxergo senão o desejo intenso de iluminar os pontos obscuros da nossa história espancando as trevas adensadas, que envolvem os primeiros tempos da nossa querida nacionalidade.

*

* *

Para maior comodidade de exposição seccionamos este *Estudo* em duas partes; diz a primeira respeito à localização, e na segunda se ventilará a questão da importância da batalha. Assim se poderá abrançar com relativa facilidade todo o problema, que envolve ainda um grande enigma.

il y a des détails qui avaient une très grande importance pour l'époque à laquelle ils ont été données, et qui n'en ont qu'une très faible pour notre époque à nous...

Convém, no entanto, frisar um ponto. Supomos, que após tantos anos volvidos, depois da viva polémica desencadeada pelas afirmações de *Alexandre Herculano*, tôda a gente sabe em que residia a causa de tanta celeuma. Celeuma esta, que uma mais equilibrada e fria análise, por parte dos que atacaram *Herculano*, teria evitado tanta energia dispendida inutilmente e que melhor fôra ter sido aplicada em questões de resultados mais práticos!...

— Pessoas certamente animadas de boas intenções, escreve o insuspeito Dr. *Fortunato de Almeida*, confundindo os verdadeiros títulos de glória nacional com lendas injustificadas, e, o que foi pior, ligando a dignidade augusta e invulnerável da fé cristã a tradições sem carácter de autenticidade, exprobaram a *Herculano*, que reduzisse a proporções vulgares a batalha de Ourique e não consignase a memória da pretendida aparição de Jesus Cristo a D. Afonso Henriques (1).

(1) Vid. *Fortunato de Almeida*, *Alexandre Herculano* — Historiador, Coimbra, 1910, págg. 18 e 19.

Ora como, repetindo, supomos estes factos do conhecimento público, não abrimos neste *Estudo* um capítulo, além das duas partes, que o compõem, para aí expormos o que poderíamos denominar: a teoria clássica àcerca da batalha de Ourique—, sendo certo que por esta expressão quereríamos abranger tôdas as teses, que sôbre a batalha de Ourique têm sido expendidas até *Herculano*.

E não deixaria de ser interessante e curioso começar a ordenar, por exemplo, as opiniões de um *Abade de Sedavim*, a dizer o que se topava na Hist. de Port., composta em inglês por uma Sociedade de Literatos (trad. de *Antônio de Moraes Silva*), a expôr os eruditos considerando de um *Rosa de Viterbo*, ou lembrar então a síntese clara e nítida de um *Pinho Leal*...

Isto para não falar em outros Autores como um D. Fr. *Manuel do Cenáculo Vilas Boas*, ou um *Antônio Pereira de Figueiredo*. Mas este *Estudo* deve antes aludir aos trabalhos da mais flagrante actualidade; e o que nêle se disser deve prender-se intimamente com as últimas

asserções produzidas nos mais recentes estudos. Só assim, possivelmente, fugiremos a repetir fastidiosamente o que está já dito e redito.

Posto isto iniciemos, então, as nossas ligeiras considerações, friamente, serenamente, imparcialmente, sem estultos *parti pris* impróprios de quem pretende versar um tema histórico (1).

(1) *Berr* diria até — *parti pris tendancieux*, obr. cit. pág. 257.

II

A LOCALIZAÇÃO DA BATALHA

Buscai a prova de tudo ;
o bom respeitai-o. Quem crê
de pronto é leve de coração.

GUIOO.

Dissemos anteriormente que se avolumavam as afirmações que dão como definitivamente achado o local da Batalha de Ourique.

Há, na verdade, razão para assim o afirmarmos depois que apareceram os recentes trabalhos dos senhores *António Cabreira* ⁽¹⁾ e General *Vitoriano José Cé-*

(1) *António Cabreira*, O Milagre de Ourique e As Côrtes de Lamego, Lisboa, 1925.

sar. (1) E quais são as teses defendidas por êstes dois escritores, acêrca do *Enigma de Ourique*, que vêem ressuscitar uma questão, que muitos supunham já arrumada?

O Snr. *António Cabreira*, após longas citações de Autores, em que gasta umas boas dezoito páginas, estabelece e dá como apurados dôze factos, entre os quais sobressai êste, que para o nosso caso, e de momento, é o que mais importa: — «que o encontro (batalha de Ourique) se deu numa zona compreendida entre Leiria, Santarém e Cartaxo.»

Esta afirmação deve, para melhor compreensão e interpretação, aproximar-se das que já em 1911 fizera o Prof. *David Lopes* e que para aqui transcrevemos; mas antes de isso frizem-se êstes pontos elucidativos. A tese do Snr. *António Cabreira*, como a do Snr. General *V. J. César*, é inteiramente diversa da tese clássica, que dava o feito como passado no baixo Alentejo, no campo do mesmo nome.

(1) General *Vitoriano José César*, A batalha de Ourique, Lisboa, 1926.

Alexandre Herculano também seguiu a corrente tradicional; posteriormente é que outras teses surgiram, como diremos adiante. Vamos, por agora, à tese do Prof. *D. Lopes*.

Abonando-se com os cronicões, que dizem, que o capitão dos muçulmanos em Ourique era Esmar ou Ismar, *D. Lopes* borda estas ainda hoje aceitáveis considerações: «consideremos um momento o processo cauteloso de D. Afonso Henriques contra o inimigo; que, antes e depois da batalha de Ourique, é o governador de Santarém que êle encontra pela frente nas suas tentativas contra o território muçulmano; que Santarém servia de atalaia e dominava a península da Estremadura de um lado e do outro o curso médio do Tejo, e compreender-se-á facilmente que, no seu propósito de desforra, D. Afonso Henriques havia de ir contra o seu inimigo natural, contra aquêle que o tinha afrontado e fazia vir da Galiza, e com êle deve ter travado batalha, a batalha de Ourique.»

Mas embora êste raciocínio seja aceitável o próprio Prof. *D. Lopes* vai frisando, com uma natural reserva, que estas consi-

derações provocam, que «a-pesar-de muito provável que assim fôsse, a verdade só a teremos no dia em que algum texto árabe ou cristão confirme esta ilacção».

E após reflexões várias, àcerca do obscuro período do fim da dinastia dos Almorávidas, inclina-se a que o campo da batalha deve ter sido entre Santarém e a linha Leiria-Ourém-Tomar, já em poder dos cristãos: era a *estremadura de Portugal* de então.

São de *D. L.* as subseqüentes passagens: «a área dos nomes em — *ique* abrange Santarém. Pode, pois, ter havido nos dois actuais distritos de Santarém e Leiria algum lugar de êsse nome e ter sido substituído, ou mesmo existir ainda obscuramente.

Inquirimos cuidadosamente e achámos. Existe um extenso campo com o nome de *Chão de Ourique*, no concelho do Cartaxo e limite da freguesia do mesmo nome. *É certo que não está dentro da área que acima determinamos, mas porque fica ao sul de ela, a cerca de 15 quilómetros de Santarém, não invalida a nossa asserção.* Estas expedições anuais tinham por objectivo destruir

as colheitas do inimigo, e de essa vez D. Afonso Henriques ter-se-ia dirigido aos festeis campos do Ribatejo, ainda dentro do distrito de Santarém. Era atacar o seu adversário de flanco. *Esmar haveria saído a rechassá-la e ter-se-ão batido ali.* Os documentos da época dizem «Campum Ourich», «locum Oric», etc., e não se referem a povoação importante junto da qual se travasse a batalha; e esta circunstância favorese a nossa hipótese. Demais, êste «Ourique» ficava «no coração da terra dos mouros», como quere a *Crónica dos Godos*, e como a batalha foi sem importância para os contemporâneos pode não ter-se formado tradição local. Depois, o tempo de que dispôs D. Afonso Henriques difficilmente lhe consentia ir mais longe. A batalha deu-se em 25 de Julho; ora em princípios do mesmo mês o nosso rei achava-se ainda nos seus domínios» (como parece poder provar-se pelo facto a que aludiremos no capítulo seguinte).

David Lopes remata finalmente estas judiciosas asserções, que carecíamos de seriar, do seguinte modo: como quer que

seja, partindo nos primeiros dias de êsse mês, êle (Af. Hen.) teria tempo de sobra para estar em 25 em Ourique — *o Ourique dos lados de Santarém*. Tal é o estado da questão. *O resultado obtido não é plenamente concludente*, mas de êste modo o problema fica simplificado e posto em bases positivas. Assim um facto sem importância política adquiriu importância histórica. (1)

Portanto; para o Prof. *David Lopes* a questão da batalha de Ourique não é uma questão líquida, porque a verdade só a teremos no dia em que algum texto árabe ou cristão confirme as várias ilacções, que se podem tirar de determinados factos. Mas ilacções directas, immediatas, bem entendido! E na verdade; é impossível constituir-se uma doutrina, que não assente em conjecturas ou hipóteses. Estas por falta de alicerces firmes em que se espequem succedem-se com grande mobilidade e frequência.

(1) *David Lopes*, Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano, Lisboa, 1911, págg. 172, 173 e segg.

Ainda não há muitos anos o Snr. Dr. *José Saraiva*, professor do Liceu de Leiria, soube, por um dos seus discípulos, que na freguesia das Córtes havia uma propriedade conhecida pelo nome de *Campo de Ourique*, a sete quilómetros e meio ao sul de aquela cidade. (1)

É mais um local hipotético onde se podia ter dado a luta!

É mais uma hipótese a levantar entre tantas outras!

É mais um ponto de partida para novas reflexões conjecturais, tão discutíveis como as anteriores.

Teria o Snr. *António Cabreira*, conhecendo as teses de *David Lopes* e a nova indicação do Dr. *José Saraiva*, querido conciliar as duas hipóteses, aventando uma outra com a sua zona divulgada na frase: — que o encontro se deu numa zona compreendida entre Leiria, Santarém e o Cartaxo? Afigura-se-nos que sim, porquanto êle pró-

(1) *Fortunato de Almeida*, História de Portugal, Coimbra, 1924, tom. II, nota no fim do tomo; atente-se nas considerações do ilustre Prof. ali insertas.

prio escreveu a pág. 20 do seu trabalho: — «tanto a hipótese *David Lopes* como a *José Saraiva* cabem na possibilidade lógica do encontro.»

Mas que vantagem para a solução do enigma de Ourique resulta de esta nova posição do problema?

A meu ver nada se lucrou. Acaso nos diz, com tôda a segurança, o Snr. *Cabreira* qual foi o local preciso, rigorosamente determinado, em que se deu o encontro ou a batalha?

Não, nem o podia dizer axiomáticamente pelos ponderosos motivos, que o Prof. *David Lopes* apontou, e que já transcrevemos, comentando-os, anteriormente. Infelizmente o Snr. *Cabreira* deixa o problema em aberto; e apenas da leitura do texto da sua monografia, e dentro da atenta análise, que lhe fizemos, tão sòmente se depreende, que se inclina preferentemente para a hipótese de que a batalha se desse no Chão de Ourique, no concelho do Cartaxo. Trata-se de uma mera suposição.

Mas tratando-se de um ponto de *His-*

tória, ainda tão obscuro, natural era que o Snr. *Cabreira* nos dissesse, firmado em textos ou documentos fidedignos, qual era, sem sombra de dúvida, o local da batalha de Ourique!... Ora novos documentos comprovativos ou novas fontes, de onde alguma coisa de proveitoso se colha, é que não são apontadas na monografia a que vimos aludindo. Para construir uma doutrina sólida e irrefutável, como parece ser o desideratum do Snr. *Cabreira*, não devia, então, limitar-se a transcrições de Autores ou de Documentos já interpretados segundo uma heurística e hermenêutica por de mais conhecidas. Carecia antes de fornecer à Crítica outros elementos com os quais fôsse permitido pôr de lado tudo quanto até hoje se tem dito à volta do enigma de Ourique.

Devo dizer, no entanto, que não foi só ao meu espírito que os ensinamentos do Snr. *António Cabreira* mereceram reparos. Assim, talvez, por não lhe parecer persuasivo e convincente o que *A. Cabreira* vem doutrinando, o Sr. *Tito de Sousa Larcher*, entre outras considerações, produzidas num

jornal de Lisboa (1), bordou esta: «mas vamos ao caso da localização da batalha. Diz o Snr. *Cabreira*: tanto a hipótese *David Lopes* como a *José Saraiva* cabem na possibilidade lógica do encontro. Aquela é, porém, mais conforme às conveniências estratégicas dos mouros, pois lograriam mais probabilidades de êxito, aguardando os cristãos entre Santarém e Lisboa, visto estas Praças, — que distam apenas 71 quilómetros, — poderem concentrar mantimentos e reforços e estabelecer um movimento envolvente ou um ataque de flanco ao inimigo. Sôbre êste ponto já mostrei no «Diário de Notícias» de 17 de Outubro último em resposta a um artigo do Snr. Coronel *Vitoriano José César*, que pretendia a batalha de Ourique no Cartaxo, — que o Sr. *David Lopes* não diz tal coisa. A sua opinião é que a batalha se devia ter dado entre Santarém e uma linha ao norte definida por Leiria, Ourem e Tomar (2), e

(1) Cfr. o artigo do Snr. *Tito de Sousa Larcher*, publicado no «Diário de Notícias» de 19-1-1926.

(2) Cfr. o exposto a pág. 30.

não tendo conhecimento de outro Ourique na região, aceita a «possibilidade» de ser ali que se feriu a batalha, mas vai dizendo que o assunto não fica resolvido...» E no artigo, de onde transcrevemos estes períodos, o Snr. *Larcher* acrescenta, que o Prof. *D. Lopes* apresentou uma nota na secção da Academia das Ciências de Lisboa, em 22 de Janeiro de 1920, em que se refere a uma carta do Snr. *Saraiva*, dando-lhe conhecimento do Campo de Ourique de Leiria; naquela nota se dizia: «deixo a outrem tirar qualquer conclusão de êste facto novo. Não serei eu quem substitua hipótese por hipótese,—e a nova é talvez mais plausível que a antiga».

Quere o Snr. *Larcher*, com as suas afirmações, demonstrar, que o Prof. *D. Lopes*, se inclina mais para a hipótese Leiria do que para a do Cartaxo. ⁽¹⁾ E mais;

(1) *D. Lopes* num trabalho intitulado—*Portugal contra os mouros*—afirma que «já oito anos antes D. Afonso vencera os mouros em Campo de Ourique (é em 1139). Exagerou-se muito a importância de essa batalha e tem-se querido que ela se tra-

esforça-se por evidenciar o Snr. *T. Larcher*, que a tese Cartaxo não tem razão alguma de ser, antes militam em favor da tese de Leiria argumentos de apreciável valor. E assim pretende mesmo ver nas crónicas de Froissart uma passagem e uma nota, suficientemente demonstrativas de que no reinado de D. João I existia a tradição da batalha do Campo de Ourique, perto de Leiria. Debaixo do ponto de vista em que nos colocamos, logo de comêço, e atendendo a quanto tudo isto tem de conjectural e de duvidoso, somos levados a confessar, que a nossa razão não ficou esclarecida e o espírito, sedento de verdade, não se dá por satisfeito.

Permanecem as dúvidas, mantéem-se as dificuldades e a questão não fica líquida, nem definitivamente arrumada tanto pelo Snr. *Cabreira*, como pelo Snr. *Larcher*. E é

vasse no baixo Alentejo. Não é muito de crêr e parece antes que o encontro se desse ao sul de Santarém, cêrca de três léguas de ela, num sítio do mesmo nome, no concelho do Cartaxo (Colecção — «Os Livros Do Povo», Lisboa, s. d. pág. 9).

muito grave, havendo logar para tão bastas incertezas, que permitem múltiplas controversias, é muito grave, repito, proclamar-se peremptòriamente, que a batalha de Ourique se deu aqui ou ali!...

E fiquem sabendo os menos lidos nesta matéria, que há, pelo menos, oito logares no nosso país, onde se topa com o nome de Ourique. Onde localizar a batalha, se todos os logares podem oferecer argumentos pro e contra?

Era, certamente, pensando nesta dificuldade que já o Prof. *David Lopes* escrevia: «mas a batalha deu-se; é incontestável: os documentos não permitem dúvida. Se não foi em nenhum de êstes logares (Alentejo, Lisboa, Montemor-o-Velho, Penela) então onde foi? Não o podemos dizer com certeza; mas talvez não seja difficil determiná-lo indirectamente com grande probabilidade. (1)

Ora pelo aduzido e pelo que vimos

(1) *D. Lopes* in *Os Arabes* nas obras de A. H., pág. 170.

dizendo verifica-se, que afinal, não é nada fácil determinar por um processo indirecto o local da batalha. Até o próprio Prof. *D. Lopes* já parece inclinar-se para outra hipótese diferente da que expôs em 1911, como atrás se viu ao aludirmos ao artigo de *T. Larcher*.

É que na verdade a falta de elementos provatórios não permite a elaboração de uma tese tão sólida que só de per si afaste qualquer impugnação.

De resto nada admira, que assim suceda, porque a base da localização da batalha assenta não em documentos, mas em deduções, que cada um se julga autorizado a fazer dadas certas asserções já de si discutíveis.

É ainda *D. Lopes* que nos permite fazer esta observação; ao demonstrar, com argumentos meramente subjectivos, que a hipótese da localização da batalha no Alentejo é inaceitável, frisa claramente: « não vemos, pois, outra base para esta localização que não seja a do nome. *Invoca-se também a tradição, mas nada prova que ela seja contemporânea dos factos. A tradição parece*

ter uma origem erudita. Sucede muitas vezes assim. Com a Troia de Setúbal assim foi. O documento mais antigo que possuímos para Ourique é do fim do século XIII: é o seu foral de 1290, e nêle nada se diz de êste sucesso, que durante tanto tempo se considerou a pedra angular da monarquia portuguesa». (1)

Ora o nome e até a tradição também têm sido invocados precisamente para outras localizações. Haja em vista o que afirmaram os snrs. *A. Cabreira* e *T. Larcher*. Assim o primeiro escreveu: vê-se, pois, pelos monumentos citados, que, 167 anos antes da invenção de Fr. *Bernardo de Brito*, já havia tradição escrita do Milagre de Ourique, e que continuou, depois sempre vívida, aflorando até nos campos pictórico e arquitetónico. (2)

Por seu turno *Larcher*, como já atrás dissemos, pretende, que no reinado de

(1) *David Lopes*, obr. cit. pág. 167.

(2) *A. Cabreira*, obr. cit. pág. 13.

D. João I existia a tradição da batalha do Campo de Ourique, perto de Leiria. (1)

Seja como fôr o processo indirecto para a determinação do local da batalha é que não resolve a incógnita, e o enigma de Ourique subsiste. E muito embora aquela ou esta tese possa colher mais votos por parte dos críticos, ou ofereça maior número de probabilidades, — a verdade é, que, para nós, só podemos ter o problema esclarecido quando apparecer algum texto árabe ou cristão, que sôbre a localização permita tirar ilacções firmes e seguras! . . .

E que o saibamos, até hõje, ainda não appareceu tal texto.

A última publicação sôbre o enigma de Ourique é da autoria do Snr. General *V. J. Cesar*; é a sua Conferência realizada nos Paços do Concelho do Cartaxo a 7 de Agosto de 1926, dia em foi comemorada a batalha de Ourique. (2)

Lêmos atentamente o opúsculo; não

(1) Artigo citado do Diário de Notícias, págg. 36 e segg.

(2) Vid. págg. 27 e 28.

achamos argumentos convincentes, que justifiquem a localização da batalha no terreno designado com o nome de «Chaãs d'Oric». E digo argumentos convincentes porque o erudito escritor muito embora diga, que faz «uma exposição concisa, mas precisa e justificada» do acontecimento, — a verdade é, que produziu um folhêto com absoluta falta de documentação e grande carência de provas. E nestas circunstâncias somos forçados a confessar, que a questão fica inteiramente no mesmo pé quanto às dificuldades da localização, — pois o Snr. General *V. J. César* não nos diz, ao menos, como architectou a sua tese, quanto ao «Campo da batalha», nem onde foi colher os elementos de informação para a pretendida localização. (1)

(1) Diz o Snr. General de págg. 22 a 24 do seu folhêto: «o terreno onde se chocaram as tropas cristãs com as mouriscas, estas sob o comando de Ismar, valí de Santarém, era designado com o nome de «*Chaãs d'Oric*», e foi com êste nome que aquête terreno passou para a posse dos senhores de União. Era um vasto trato de terreno, ligeiramente ondulado,

Bem mais ponderadamente andou *António Sérgio* quando, referindo-se à vida acidentada de Afonso Henriques, escreveu: «atacado em 1137, marcha para o Sul, e

limitado a sudeste pelo vale d'Algares e vale de Mouros; a nascente pela densa floresta do Bairro dos Falcões; ao norte por uma linha determinada pelos *Casaes Romanos* (cujo nome ainda subsiste) e, por *Aldeia Velha*; ao poente pelo *Alto do Sol Posto* e *Vale da Pinta*. Hoje ainda se dá o nome de Chaã d'Ourique a um trato de terreno muito limitado, na posse do Snr. Ribeiro da Costa.»

O erudito escritor pretende fundamentar esta hipótese com o subsequente facto: «na carta de aforamento dada pelo Príncipe Manuel Pedro Teles, tio e tutor do 6.º conde de Unhão, D. Rodrigo Xavier, para se fazer a povoação dos *Casaes d'Ouric*, ou do Ouro, se diz que esses terrenos eram baldios das *Chaãs d'Ourique*.»

Vê-se, pois, que o Snr. General V. J. César não lançou mão de outra base, para a localização da batalha, que não fôsse a do nome. Mas com isto incorre o ilustre militar nos inconvenientes já apontados a págg. 40 e 41 de este *Estudo*.

De resto não são suficientes as indicações, que o Snr. General nos fornece àcerca do documento: onde está? Quem o viu e analisou? Quando foi feito?

sai vitorioso num campo de Ourique, que não podemos hõje localizar (1)».

É tempo de terminarmos os nossos mal ataviados considerandos quanto ao enigma de Ourique pelo que respeita à localização da batalha.

O que dito fica é o bastante, creio eu, para se poder avaliar da dificuldade na solução do problema, dificuldade que os trabalhos aqui citados não removeram.

Na dúvida de que não tivesse sido claro, e na certeza de que me falta a autoridade, em assuntos de esta natureza, e ainda porque o leitor fica com uma idea mais completa e de conjunto àcêrca da questão, podendo fãcilmente avaliar da sua amplitude e profundidade, vou dar a palavra ao Snr. *Ludovico Caetano de Menezes*.

Porque não o transcreveu e comentou como era mister?

Esta nota, crêmos bem, justifica conseqüentemente o que deixamos expresso no texto de que ela é, por assim dizer, o natural complemento.

(1) *António Sérgio*, Bosquejo da História de Portugal, 2.^a ed., Lisboa, 1923, pág. 12.

Elaborou este erudito sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses uma interessante e curiosa proposta, que apresentou ao Conselho Administrativo de aquela colectividade; transcrevêmo-la para aqui do jornal — «O Século» —, de 4 de Junho do corrente ano, onde a vimos publicada. Eis a proposta em questão:

«Considerando que em Agosto de 1926, foi, por iniciativa do Governo, consagrado oficialmente como campo da problemática batalha de Ourique, o sítio de *Chãs de Ourique* da povoação do Casal de Ouro, concelho do Cartaxo;

Considerando que, por virtude dessa consagração, se procura erigir ali um padrão comemorativo da mesma batalha, ferida a 25 de Julho de 1139, havendo até subscrições já iniciadas para esse fim;

A) Atendendo, porém, a:

1.º — Que o sítio de *Chãs de Ourique* fica à quem Tejo e em nenhuma das cinco fontes apontadas por Herculano como legítimas e positivas para base da documentação — CRONICON LAMECENSE, CRO-

NICON CONIMBRICENSE, ELUCIDÁRIO DE VITERBO, VITA S. THEOTONII e CRÓNICA GOTHORUM — se diz que a mesma batalha se tivesse dado àquem Tejo;

2.º — Que, pelo contrário, dois dêsses documentos, afirmam que para dar a batalha, o monarca português passou o Tejo, sendo êles a *Crónica* dos godos e o *Elucidário de Viterbo* no artigo LADERA;

3.º — Que não há uniformidade na designação do nome do local da batalha, porquanto:

a) Em *Crónica lamecense* se diz ORIC;

b) Em *Crónica conimbricense* se diz OURIC;

c) Em *Viterbo, Elucidário*, artigo *Ladera*, se lê AURICH;

d) Em *Vita S. Theotonii* se lê HAU-LICH;

e) E em *Crónica dos godos* se lê: AULIC. (Herc., *Hist. de Port.*, tom. II, liv. II, nota XVI, págg. 279-280, ed. 1914);

4.º — Que sôbre a toponímia do local há em doc. de 1181 a clara e precisa grafia de Ourique, escrita—OURIQUIUM—(Gabriel

Pereira, *Doc. Hist. da cidade de Évora*, part. 11.^a, pág. 9);

5.º—Que são discutíveis as razões apresentadas por Herculano, dando o actual concelho de Ourique como local da batalha, pois que a essas razões se opõem considerações de ordem estratégica, o mais elementar critério militar não facultando tão funda penetração da gente cristã pelo Alentejo, quasi até aos confins da província, através de um campo coberto de inimigos e defendido por forte cinta de castelos, ainda ao tempo em poder dos serracenos;

6.º—Que para um feito desta natureza prolongado até ao actual Ourique, carecia o príncipe português de deixar assegurada para o regresso a retirada pela linha do Tejo, guarneecendo as passagens do percurso, a fazer em sentido inverso, de tropa precisa, de que então não podia dispôr em número suficiente, segundo se colhe da história de Herculano;

7.º—Que à excepção da *Crónica dos godos*, em Brandão, *Mon. Lusit.*, de que se socorreu Viterbo, a referência à batalha de Ourique é leve e passageira;

8.º—Que desta leveza e dos próprios termos da menção do facto na mesma Crónica se infere que o feito se reduz às justas proporções de um fossado, não longe da linha do Tejo, a que se juntou depois o maravilhoso da descrição de uma batalha, porventura expressão real de um episódio de batalha, ocorrida depois entre a conquista da linha do Tejo e a conquista definitiva do Alentejo.

B) Em atenção agora ao opúsculo *A Batalha de Ourique*, do Snr. General *Vitorino José César*:

1.º—Que o problemático itinerário nêlo marcado para a jornada de Ourique, partindo de Leiria para *Chãs de Ourique*, pelo Rio Maior, Alcoentrinho, Ereira e Vale da Pinta, não vem apontado em qualquer dos doc. citados;

2.º—Que em nenhum dêles se diz que o monarca partiu de Coimbra para Leiria, como no opúsculo;

3.º—Que, pelo contrário, em Brandão, *Mon. Lusit.*, se lê, que D. Afonso Henriques seguiu de Coimbra em direcção ao

Oriente, para passar o Tejo e entrou na fértil província do Alentejo;

4.º—Que Viterbo ampliando esta notícia, diz que o príncipe se encaminhou de Coimbra directamente para o fossado de Rabaçal, na foz do Zézere, de onde partia estrada para o Alentejo e por ela seguiu, atravessando o Tejo;

5.º—Que o dispositivo das forças em presença, indicado no opúsculo, é discutível e não se acha autorizado por nenhum dos anteriores documentos;

6.º—Que o único ponto de apoio, tomado no opúsculo para fundamento de localização da batalha, em *Châns de Ourique*, é a designação ORIC, que se encontra, segundo se diz, num documento da casa dos condes de Unhão, documento que se ignora onde existe, nem foi transcrito pelo autor no mesmo opúsculo, como era preciso, para dêle se tomar conhecimento e ser apreciado;

Tendo em vista o exposto e mais considerações que vêem em Herculano e tornam duvidoso o feito de Ourique, em 1139, proponho:

Que o Conselho Administrativo da Associação dos Arqueólogos Portugueses estude o assunto, e tomando em consideração a incerteza que reina sobre a batalha de Ourique, se esforce para que por esta Associação sejam dados os passos necessários junto do Governo, no sentido de nenhuma resolução ser tomada em tudo o que diga respeito à mesma batalha, sem que sobre o facto se pronuncie com o seu voto uma comissão de três membros, representando o Exército, a Academia das Ciências de Lisboa e a Associação dos Arqueólogos Portugueses».

Incluimos aqui esta proposta do Snr. *Ludovico de Menezes* quando é certo, que para sermos mais rigorosos a devíamos seccionar, indo parte de ela para o capítulo da localização, e a outra para o da importância da batalha.

E isto porque o ilustre escritor aduz argumentos, que teriam o seu mais racional cabimento no capítulo subsequente do que neste, que vimos desenvolvendo.

No entanto o inconveniente em inserir-

mos aqui a proposta na íntegra não é de molde a lançar a confusão ou a tornar menos límpida a exposição do que entendemos dever ter dito àcerca do local onde se daria o combate.

Bem ao contrário; os dois capítulos são tão interdependentes, há tão íntima conexão entre si, que foi bem preferível, — dadas as exíguas dimensões do artigo do Século, — não o trincar, e antes reproduzi-lo sem alguma mutilação, que a fazer-se seria única e simplesmente para melhor arranjo na disposição dos assuntos de este *Estudo*.

E já agora convém frizar o seguinte: a leitura do aludido artigo habilita o estudioso (comparando-o com o que temos afirmado) a constatar por si se é ou não verdade o que escrevemos ao iniciar este opúsculo.

Dissemos, então, e repetimos, agora, que tomando por outro caminho chegamos à mesma conclusão a que foi levado o *Snr. Ludovico de Menezes*.

Ainda temos diante de nós um capítulo a percorrer; mas cremos bem, que com a análise do que já dito fica, neste, que va-

mos finalizar, provamos não ser menos exacta aquela asserção.

Com efeito; os considerandos da proposta, em questão, condensam e resumem como que axiomas. Mas é necessário e conveniente demonstrar como é que podemos formulá-los; mas é preciso e indispensável provar como somos forçados a dar-lhes credibilidade. Se se trata de combater hipóteses vagas e flutuantes devemos mostrar que lhes fugimos e só avançamos com proposições dificilmente impugnáveis.

Sòmente adentro de esta orientação é, que os considerandos citados ou outras quaisquer considerações feitas a propósito de Ourique, que saiam fora do que habitualmente se pensa, só assim, repetimos, é, que a doutrina de êste ou de aquele escritor pode ter tòda a eficiência.

E o que temos nós feito até aqui?

Estabelecendo prèviamente as regras de crítica e apontando os princípios de metodologia, que nos nortiriam nas investigações a que íamos proceder, esforçamo-nos por mostrar que saindo para fora dos documentos, dos textos, das fontes, em suma,

nada de positivo tínhamos quanto à localização do feito de Ourique...

Sob este aspecto podem-nos acusar de prolixo, mas jámais de ter seguido subserviamente qualquer Autor em especial; citamos diversos, transcrevemos-lhes certas passagens, aludimos a várias afirmações, mas tudo isto teve o seu comentário apropriado. E se não consegui fazer uma síntese histórica, conforme os princípios indicados pelo profundo *Henri Berr*, penso ter architectado, ao menos, um trabalho sério e honesto, onde justamente alicerce as conclusões a que cheguei, e que por mera coincidência e casualidade são iguais às do Snr. *Ludovico de Menezes*.

Adaptando ao meu caso um pensamento de *Berr* o meu objectivo pode-se traduzir da seguinte forma: «ce n'est pas l'originalité que j'ai cherchée ici. Je me suis efforcé, comme il convenait en matière de science, non de créer une théorie neuve de l'histoire, mais de critiquer, d'utiliser, de faire aboutir les théories antérieures». (1)

(1) *Henri Berr*, obr. cit. Préface, pág. X.

Ou então, parafraseando, pretendendo com a doutrina expendida mostrar quanto a tese clássica pura nos afasta da verdade (por virtude dos seus defensores argumentarem com viciosos paralogismos e capciosos sofismas), diligenciamos criticar o que há de criticável, utilizar o que é utilizável, — bem pouco por sinal—, e principalmente limitar, dentro de extremas lógicas e rigorosamente calculadas o que as teses (anteriores a *Herculano* e mesmo posteriores a êste) contêem, que mereça a aceitação da história como ela hoje se compreende.

Mas é mais que tempo de entrarmos no capítulo da importância da batalha de Ourique.

Escusado será dizer, que seguiremos a mesma orientação, que houve para com o capítulo da localização. Mais; no estudo da importância da batalha até serei mais escravo dos princípios da heurística histórica!

As fontes de informação continuam a ser as mesmas de que se serviu *Herculano* e a que aludimos a pág. 11, nota 1.

Outras de maior autenticidade são por

enquanto desconhecidas; natural é, pois, que comece pelo que *Herculano* escreveu na sua História relativamente a êste ponto, seguindo-se ao depois as alusões a outros Autores, o que tudo concertado permitirá finalmente chegar a uma determinada conclusão diferente, como vamos ver, de aquella a que chegaram *António Cabreira* e *V. J. César* — para tão sòmente me referir aos dois escritores, que tomaram a peito o resuscitar quasi em tôda a sua pureza e orthodoxia a tese clássica da importância de Ourique.

Ainda por verêdas diferentes das que trilhou o Snr. *Ludovico de Menezes* quiz, mais uma vez, o acaso, que os nossos pontos de vista se tocassem!...

Talvez por termos ido beber às mesmas fontes é, que ambos tivemos de confessar que a questão da importância da batalha envolve, também, um outro enigma, como já o envolvia a da localização; mas isto, é evidente, porque não perdemos de vista os ensinamentos da técnica histórica.

III

IMPORTÂNCIA DA BATALHA

Quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer a menor falsidade, e a segunda não nos faltar jãmais valor para dizermos a verdade?

CICERO.

O nosso *Alexandre Herculano* ⁽¹⁾ escreveu a propósito de Ourique o seguinte, que muito convém recordar neste momento: «entrados na época da batalha de Ourique

(1) Sirvo-me da edição da História de Portugal dirigida por *D. Lopes* (7.^a ed., 1914); cfr. págg. 165 e segg.

e *constrangidos* pelo, às vezes bem triste, dever de sinceridade a *reduzir às suas dimensões verdadeiras um facto que à tradição dos séculos aprouve cercar de fábulas não menos absurdas que brilhantes*, cumpria-nos dar a conhecer a situação de êsses homens que nos campos do Alentejo vinham combater com os duros cavaleiros de Afonso Henriques», o que H. faz a seguir. Depois vêem estas afirmações: «à excepção de esta (o concurso das mulheres almoravides), as circunstâncias da batalha de Ourique ignoram-se inteiramente. *As crónicas cristãs coevas ou quasi coevas que a mencionam fazem-no em bem curtas palavras, e nos diversos escritores árabes que nos transmitiram a história de Espanha neste período não se encontra o mínimo vestígio de um facto que pouco devia avultar* no meio dos graves acontecimentos que então passavam na scena política, tanto na Península, como na África. Sabemos só que Afonso Henriques desbaratou os sarracenos.....»: «foi ganhada esta batalha, que tão memorável se tornou com o correr dos tempos, a 25 de Julho de 1139. Não consta, porém,

ao certo quais fossem as conseqüências de ela. A mais provável é a das devastações ordinárias nestas correrias quando eram bem sucedidas. *A audaz emprêsa do príncipe dos portuguezes fôra, como êle mesmo no-lo assegura um verdadeiro fossado*, isto é, uma de essas entradas que todos os anos se renovavam pelas fronteiras dos sarracenos, e para as quais, pelas suas cartas de foral, eram obrigados a marchar os cavaleiros.....;" *"As circunstâncias peculiares que nêste concorreram, sendo o primeiro tentado pelos portuguezes além do Tejo e conduzido pelo próprio infante no sertão do Gharb, aonde nunca ou raramente os cristãos haviam chegado, contribuíram, acaso, para que a tradição engrandecesse pouco a pouco o sucesso, a ponto de o tornar maravilhoso até o absurdo."*

Finalmente *Herculano* friza com tôda a nitidez: *"se acreditarmos os cronistas antigos e ainda os historiadores modernos a batalha de Ourique foi a pedra angular da monarquia portugêsa"*, pois ali os soldados aclamaram monarca D. Afonso Henriques.

Fizemos propositadamente estas transcrições pois com elas fica perfeitamente equacionado o problema da importância da Batalha; e não vemos quem melhor o tenha posto em posição.

Demonstremos.

Aparte a tese da batalha se ter ferido no Alentejo a que parece oporem-se boas razões de ordem estratégica (1) todos os

(1) *D. Lopes* escreve a êste propósito: a hipótese Alentejo é inaceitável. Não se compreende na verdade a expedição de *D. Afonso Henriques* tão longe do seu país, e quando a linha do Tejo, com Lisboa e Santarém, ainda estava em poder dos inimigos. Estamos em 1139. A capital do condado de Portugal era Coimbra. Leiria, Ourem e Tomar eram as atalaias da sua fronteira ao sul. O nosso primeiro rei, que avançava sempre tão prudentemente e de fito feito, seria capaz de, cegamente e sem objectivo aparente, se introduzir assim tão fundamente no país inimigo? É com certeza fazer injúria ao seu talento militar querer que fôsse até Ourique, só porque velhos cronistas, amantes do maravilhoso, assim o pretenderam. Ainda se compreendia o feito se fôsse contra uma cidade ou fortaleza importante dos muçulmanos, mas a batalha deu-se em lugar êrmo (obr. cit. pág. 166).

Outros argumentos invoca *D. Lopes* mas são

Autores, que vou citar, são concordes em aceitar, nas suas linhas gerais, as proposições de *Herculano*.

Assim *Coelho da Rocha* ⁽¹⁾ dizia referindo-se à batalha de Ourique: «esta batalha deve ler-se na *Chronica Gothorum*. Apêndice à p. 3 da *Monarch Lusit*. É o documento originário, de onde passou para os cronistas e historiadores, os quais têm escrito êste acontecimento com mais desvanecimento e maravilhoso, do que exactidão».

desnecessários para aqui; basta êste q̄. é edificante: Rodrigo de Toledo, do século XIII, dedicou um capítulo especial «às batalhas insignes do rei de Portugal, Afonso», e nêle não se faz referência a essa batalha, o que prova, não que se não desse, *mas que não deve ter tido importância*. A tradição não é, pois, coeva com os factos que refere, mas formou-se muito depois, e nestas condições nada prova a favor da hipótese do Alentejo (obr. cit. pág. 169; Cfr. *Herculano* obr. cit. pág. 285 onde naturalmente *D. Lopes* foi beber esta informação.

(1) *M. A. Coelho da Rocha*. Ensaio sôbre a Hist. do Gov. e da Leg. de Port., 5.^a ed., Coimbra 1872, pág. 43, nota 1.

Por sua vez *Pinheiro Chagas* ⁽¹⁾ aludindo às conjecturas de Herculano escreveu: «as conjecturas do nosso eminente historiador parecem-nos altamente prováveis, mas são simplesmente conjecturas, e conjecturas que sofrem contradição, ainda que frouxa. Não a levantaremos, e limitar-nos-emos a expôr a verdade, que da contenda saiu incólume e radiosa. O ponto enquanto a nós ainda conjectural é o seguinte: Foi ou não importante a batalha de Ourique em si? Entraram ou não em combate numerosas fôrças muçulmanas? O ponto incontroverso é o seguinte: *a batalha de Ourique não fundou a independência portuguesa; a batalha de Ourique não teve conseqüências de importância alguma.* Para isso nem precisavamos de outras provas senão do encadeamento de factos adquiridos sem contestação para a história».

E *P. Chagas* discorre do seguinte modo para justificar as suas afirmações:

(1) *Manuel Pinheiro Chagas*, História de Portugal, 3.^a ed., 1.^o vol., Lisboa, MDCCCXCIX, págg. 24 e 25.

«A batalha de Ourique foi dada em 1139 no coração do Alentejo, e em 1147 é que se tomou Santarém, Lisboa, Sintra, Palmela, Almada, em 1158 Alcácer; quer dizer, ganha-se uma batalha tão importante, e não se adquire um palmo de terreno, as fronteiras portuguesas não avançam uma polegada, e a torrente dos cavaleiros portugueses, sulcando as províncias muçulmanas, reflue para àquem do Tejo, deixando apenas no seu caminho um rasto de devastação. Mas em troca inflige-se uma tal lição aos Sarracenos que êstes fiquem para sempre respeitando o território português, e que não ousem mais franquear a linha divisória traçada pelo montante do vencedor de Ourique? Também não: na primavera de 1140 os muçulmanos atravessam o Tejo, tomam de novo e arrazam Leiria, internam-se em Portugal, e chegam a Trancoso, que arrazam igualmente, e onde são outra vez desbaratados pelo terrível Afonso, que voara do norte em defesa das suas fronteiras! Então porque foi finalmente a batalha de Ourique o ponto de partida da monarquia portuguesa? Porque nessa

batalha os portugueses entusiasmados aclamaram rei o seu valoroso chefe? Admitamos a tradição como verdadeira, apesar das considerações que militam contra ela. Mas êsse facto dava importância à batalha? Daria se a vitória tivesse de ser a gloriosa confirmação do título, se obrigasse os vencidos a reconhecerem-no. Mas uma vitória, dez, trinta vitórias contra os Sarracenos nada serviam para confirmar o régio título ao príncipe português. Não eram os Sarracenos que lho disputavam, era Afonso de Leão que lho negava».

Como se vê *P. Chagas* vai de acôrdo com a tese geral de *Herculano*.

Num ainda recente e bem elaborado compêndio escolar topamos com a subsequente afirmação, que justifica o que sustentamos àcerca de *Pinheiro Chagas*:—
«a crítica histórica reduziu o acontecimento às suas justas proporções. A batalha de Ourique, a qual parece ter-se travado cerca de três léguas ao sul de Santarém, foi o desfêcho de um fossado, isto é, de uma de essas entradas que todos os anos se renovavam pelas fronteiras dos Sarracenos.

Pouca importância deveríamos atribuir a esta jornada, se não fôsem as conseqüências de ordem moral que parece ter tido, animando os portugueses a maiores empreendimentos» (1).

O Prof. *David Lopes* no seu PORTUGAL CONTRA OS MOUROS (2) também escreveu: «já oito anos antes (de 1147) D. Afonso vencera os mouros em Campo de Ourique. Exagerou-se muito a importância de essa batalha e tem-se querido que ela se travasse no baixo Alentejo...

No fascículo XII do vol. I, referente a 1925, da revista — *Brotéria* —, o Snr. *Luís G. de Azevedo* faz uma série de considerações à cerca da crónica dos Godos e da batalha de Ourique.

Ouçamo-lo porque o seu ponto de vista, vem, no fundo, reforçar as opiniões anteriores quanto à importância da batalha:

(1) Vid. *Manuel Paulo Merêa e Damião Peres*, História de Portugal, Coimbra, 1921, págg. 29 e 30.

(2) Vid. a obra cit. de *David Lopes*, Port. contra os mouros, Lisboa, pág. 37 e nota 1.

«não é porém só pelos lances de esforço e de valor militar nela dispendidos, que havemos de aquilatar a importância da batalha. *Esta aprecia-se pelo valor dos interesses e esperanças da nascente nacionalidade nela comprometidos, e pelo valor material e moral dos resultados nela alcançados.* A morte ou talvez só a derrota do infante português em Ourique, teria como conseqüência o naufrágio completo das suas aspirações e dos homens de armas que o acompanhavam. Por vezes na vida dos povos, um sucesso comum é elevado pelas circunstâncias, que lhe imprimem colossais proporções de um grande acontecimento. *Ourique, diz-se, foi uma correria, um vulgaríssimo fossado. Não há dúvida que o foi inicialmente.* Mas, de súbito, o príncipe que realisa a correria, com a fina flor dos seus cavaleiros, vê-se assediado pelas forças de um poderoso exército, e não deixa após de si, nem descendência, nem outros homens de armas capazes de receber a herança de responsabilidades que êsses bravos representam. O recontro que vai ferir-se volve-se em batalha decisiva, e de ela pende

a vida e o futuro da nacionalidade. Diz-se que, nesse dia, os portugueses, no delírio da vitória alcançada, aclamaram rei o príncipe que os guiara ao triunfo. *Essa aclamação não consta pelos documentos*; mas o valor moral, a importância e o carácter da batalha, vale bem, perante a história, uma aclamação que então tivesse sido feita pela voz de dois ou três mil combatentes.»

Que se pode inferir, que ilacções se podem tirar de todo o arrasado feito até aqui quanto à importância da batalha de Ourique?

Difícil é dizê-lo; para nós a falta de documentos ou textos, que elucidem a questão, não permite estabelecer uma doutrina sólida.

Recorde-se o que dissemos atrás ao perfilharmos o princípio estabelecido, por dois metodólogos de incontestável valor intrínseco, em matéria de assuntos históricos: *pas de documents, pas d'histoire!*... (1)

Tentar determinar a importância da Ba-

(1) Vid. pág. 16.

talha por um processo indirecto é enveredar pelo caminho das conjecturas, que podem ser bem falíveis; será, talvez, mais cómodo, mas êste processo não nos pode levar à verdade sciêntífica!...

Fiquemo-nos, pois, *prudentermente* ⁽¹⁾ pela única e talvez possível afirmação, quanto à importância da batalha, e que é a de que ela foi um verdadeiro fossado, como sustentou *Herculano*.

Com efeito; no Elucidário de *Viterbo* (verb. Fôro Morto) lê-se: no de 1139, e no mês de Julho, D. Afonso Henriques, intitulado-se *Infante*, e indo de caminho para o *fossado de Ladera*, doou, e juntamente vendeu a Monio Guimarães um casal em Travansela, termo de Satan...; e a propósito de Ladera diz-se no mesmo Elucidário

(1) Esta regra de prudencia é de uma applicação frequente; no estudo da história, não a percamos de vista, e evitaremos numerosos erros em que de outro modo poderíamos cair. Pelo menos nos ensinará a não nos transviarmos em particularidades inuteis (*Jayme Balmes*, *O Critério*, trad. de João Vieira, 2.^a ed., 1877, pág. 86).

que nas inquirições reais se faz menção de uma terra chamada *Ladeya* ou *Ladeia* não longe da foz do Zezere. Ou digamos que *Ladeya* era o *Rabaçal*, por onde a estrada se encaminhava para o Alentejo. (1) «*Como quer que seja, parece fora de questão, que o Príncipe D. Afonso se ia chegando para o*

(1) Vid. Fr. *Joaquim de Santa Rosa de Viterbo*, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases, etc.*, 2.^a ed., MCCCLXV, tom I, pág. 335; tom II, pág. 51. *David Lopes* na sua já cit. obr. *Os Arabes nas obras de A. H.* explicando o objectivo dos fossados diz: «estas expedições anuais tinham por objectivo destruir as colheitas do inimigo, e de essa vez D. Afonso Henriques ter-se-ia dirigido aos férteis campos do Ribatejo, ainda dentro do distrito de Santarém. Era atacar o seu adversário de flanco. Esmar haveria saído a rechassá-la e ter-se-ão batido ali. Os documentos da época dizem «Campum Ourich», «locum Oric», etc., e não se referem a povoação importante junto da qual se travasse a batalha; e esta circunstância favorece a nossa hipótese. Demais, êste «Ourique» ficava «no coração da terra dos mouros», como quere a *Chronica dos Godos; e como a batalha foi sem importância para os contemporâneos pode não ter-se formado tradição local*. Depois o tempo de que dispôs D. Afonso Henriques difficilmente lhe consentia ir mais longe. A batalha deu-se em 25 de

Campo de Ourique, onde naquêlê mês, e ano lançou os fundamentos sólidos à monarquia lusitana».

Pascual de Gayangos também se inclinou para a opinião de que Ourique não passou de uma escaramuça. Recordemos as suas palavras: «..... me decidi á tomar la pluma y salir á la defensa de la opinion que V. sustenta, á saber que el suceso de Ourique no pasó de una escaramuza...» (1)

Julho; ora em princípios do mesmo mês o nosso rei achava-se ainda nos seus domínios. Prova-o a doação feita nesse tempo a Monio Guimariz de um casal de Travansela em Satão que o soberano havia recebido de Gontumiro, quando fôra ao fossado de Ladera. É difícil dizer se o documento foi feito em Satão — o que daria mais fôrça à nossa tese —, se em Coimbra; como quere que seja, partindo nos primeiros dias de êsse mês, êle teria tempo de sobra para estar em 25 em Ourique — o Ourique dos lados de Santarém. Tal é o estado da questão. *O resultado obtido não é plenamente concludente, mas de êste modo o problema fica simplificado e posto em bases positivas.* Assim um facto sem importância politica adquiriu importância histórica (pág. 177).

(1) Vid. a Adverciência apud Hist. de Port. de A. H., ed., cit., de 1916, em que se incluye a carta de P. de G.

É, que, na verdade, não é servindo-nos dos dados de um *Acenheiro*, ⁽¹⁾ fértil em patranhas, ou de um *Antônio Caetano Pereira*, ⁽²⁾ mentiroso e desonesto, não é lançando mão, repetimos, de êstes informadores, que conseguimos traçar um período da história pátria com a gravidade, que a deve caracterizar como, em abstracto, ensinava *Mabillon*. Mas infelizmente o Snr. *Antônio Cabreira*, *sacerdos magnus*, da corrente, que apelidamos de neo-tradicionalista, socorre-se, para construir a sua tese, de Autores de mérito e gravidade similar à que devemos atribuir aos referidos *Acenheiro e A. C. Pereira*... É lastimável, sem dúvida...

E, lamentavelmente, não se teve em consideração a regra: «quando as narrativas

(1) Vid. *H.* nota ao Bispo Negro, apud *Lendas e Narrativas*, tomo II, 12.^a ed., pág. 73.

(2) *David Lopes*, A. H., A. C. P. e a Batalha de Ourique, estudo crítico; neste estudo evidencia o ilustre Prof. quanto A. C. P. era desleal, e quão fraco era o seu saber e espírito crítico. Também *Gayangos* já o tinha demonstrado.

variam, não nos devemos deixar atrair pela consideração do número, mas sim pelo mérito e gravidade dos autores, visto que muitas vezes acontece que a autoridade de um autor grave e sincero merece preferir-se ao testemunho de cem de menos fé, porque estes se foram repetindo uns aos outros sem madura discussão e deligente exame das coisas. . . .”

Pelo exposto afigura-se-nos ter ficado exuberantemente demonstrado que grandes dúvidas se podem suscitar relativamente a Ourique. As coisas passam-se paralelamente como se se tratasse de saber e apurar a localização; é um caso puramente idêntico. Por conseguinte é, indubitavelmente, grave, gravíssimo mesmo, proclamar, sem prudentes reservas, que a batalha teve a mais alta importância e foi a pedra angular da monarquia portuguesa, como querem os da corrente clássica.

Tal afirmação só poderia ser conscientemente feita se em vez de afirmações supositivamente concretas houvesse um documento ou existissem provas concludentes de que a batalha teve uma grande impor-

tância. Não as há; tudo são, pois, hipóteses e simples conjecturas!

Pois, ultimamente, não houve dúvidas em afirmar-se: *a)* que a aclamação de D. Afonso Henriques, no próprio campo da batalha, em espontânea vibração de epopeia reflectia, claramente a consciência de um povo a atingir, enfim, o seu ideal étnico; *b)* que o vulto moral assumido pela nacionalidade era de tal ordem que determinou, em pouco tempo, o reconhecimento da Monarquia pelo altivo Imperador das Espanhas, vulto que, naquela época, só poderia provir de um estrondoso sucesso militar; *c)* que a batalha de Ourique, dentre tantas memoráveis ganhas aos leoneses e aos mouros, foi a única que a Alma Portuguesa venceu emotivamente, através dos séculos, como início da Independência... (1)

(1) Vid. *António Cabreira*, obr. cit. pág. 21; estas afirmações de A. C. não podem ser justificadas pelos textos. São proposições que a crítica histórica não permite. Após os trabalhos de *Herculano*, *David Lopes* e *Gayangos* não há o direito de fazer semelhantes afirmações; causa-mé uma certa surpresa que se salte por cima de factos absolutamente já assentes!...

Os textos, os raciocínios lógicos de Autores de tãda a idoneidade não permitem tais conclusões por impossibilidade de as provar.

A importância da batalha constitue, ainda hoje, matéria para as mais amplas e largas divagações, para a construção de várias teses, filhas de determinados conceitos puramente subjectivos e pessoais, de discutível valor convincente e persuasivo!...

De aqui um mundo de hipóteses em que a fantasia pode crear as doutrinas mais atraentes e enamorantes conforme a meta a atingir. E assim organisaremos não uma História mas uma conspiração da mentira contra a verdade dos successos, como diria *José de Maistre*.

Outro entusiasta da corrente neo-traditionalista pesando, naturalmente, a gravidade de afirmações, que temos de qualificar de menos exactas, como as de *António Cabreira*, foi mais comedido nas conclusões do seu trabalho. Quero referir-me ao Snr. General *V. J. César* (1); afirmou êste:

(1) General *V. J. C.*, obr. cit., págg. 43 e 44.

a) que a batalha de Ourique não teve uma extraordinária importância militar, pois D. Afonso Henriques não conseguiu tomar Santarém; mas contudo repeliu os mouros, ficando senhor do campo de batalha, o que naqueles tempos era o característico da vitória; b) teve porém uma grande importância política pois D. Afonso Henriques vê em volta de si os mais notáveis ricos homens de Portugal, todos vendo nêlo o seu rei, chefe de uma incipiente nacionalidade.

O Snr. *Ludovico de Menezes* (1), por seu turno, segue, a êste propósito, uma doutrina bem diferente. Recordemos; frisou êle, que à excepção da crónica dos godos, de que se socorreu *Viterbo*, a referência à batalha de Ourique é leve e passageira; e que de esta leveza e dos próprios termos da menção do facto na mesma crónica se infere, que o feito se possa reduzir às justas proporções de um fossado, não longe da linha do Tejo. A isto se juntou mais

(1) Cfr. a proposta inserta no «Século» e transcrita de págg. 46 a 51.

tarde, possivelmente, o maravilhoso da descrição de uma batalha, ocorrida depois entre a conquista da linha do Tejo e a conquista definitiva do Alentejo.

É mais uma conjectura; no entanto bem mais racional e aceitável que as anteriores defendidas, respectivamente, por *A. Cabreira* e *V. J. César*. Peca, porém, pelo mesmo vício de origem que, também se nota naqueles; o não se apoiar em qualquer documento de onde se deduza directamente a história segundo os preceitos da moderna técnica.

Concluindo; nem pelo que dissemos àcerca da localização, nem pelo que afirmamos sôbre a importância da batalha de Ourique podemos, no estado actual da ciência histórica, avançar com uma proposição bem firme e defenida, que dissipe tôda e qualquer dúvida das muitas, que alimentam o que apelidamos de «Enigma de Ourique»!...

Esta é que é a verdade; tudo o que se diga em contrário não passa de um fantasmagórico romance. E porquê? Porque «notre époque surtout, dont l'esprit scien-

tifique est disposé à ne plus croire sur parole, mais seulement sur preuve, ne prètera jamais foi aux déclamations pompeuses; elle ne s'incline que devant l'éloquence, bien autrement convaincante, des faits». (1)

Por isso é que não acharíamos palavras mais apropriadas para finalizar êste trabalho do que as que encerram esta verdade irrefutável: «não conhecermos a nossa própria história é de bárbaro; conhecê-la, porém, viciada, tecida de burlas e de piedosas fraudes, é pior. Porque no primeiro caso, com não sabermos quem somos, nem nos dizerem de onde viemos, essa mesma ignorância obstará a que perpetremos muitos desconcêrtos; ao passo que se laborarmos no vício de uma falsa informação, darêmos, muitas vezes, com a memória das fábulas que nos tiverem ensinado, razão sobeja e justificada a que se riam de nós». (2)

(1) *Xénopol*, obr. cit. pág. 53.

(2) *José Caldas*, *Hist. de um Fog. Mort.*, Pôrto, 1914, págg. VII e VIII da introd.

ÍNDICE

	págs.
I — O Enigma de Ourique	7 a 26
II — A Localização da Batalha	27 a 56
III — A Importância da Batalha	57 a 77

